

Livros dos 'camisas verdes' são raros mesmo em 'sebos'

Da Reportagem Local

Exemplar típico de um período em que o anti-semitismo misturava-se com a propaganda do fascismo no Brasil, "Judaísmo, Maçonaria e Comunismo", de Gustavo Barroso (1888-1959), editado em 1935, custava há menos de um ano Cz\$ 500 em qualquer boa loja de livros usados de São Paulo. Seu preço praticamente dobrou. Do mesmo autor, e com a mesma contaminação ideológica, "A Sinagoga Paulista"; de 1937, também pulou de Cz\$ 1.000 para Cz\$ 2.000. Esta inflação se deve a uma oferta infinitamente menor que a procura. Assim, os livros de Barroso passam a valer uma fortuna, se comparados aos de seus contemporâneos da Ação Integralista Brasileira (AIB), como Miguel Reale e Plínio Salgado.

A não reedição é justificada pelo crítico e editor Jacó Guinzburg: "Ninguém se arriscaria a ser condenado pela lei Afonso Arinos" — de 1951, que considera contravenção penal, sujeita a multas e prisão, os responsáveis por discriminação racial. Foi evocando-a que, há cerca de trinta anos, um grupo de israelitas conseguiu a proibir uma reedição dos "Protocolos dos Sábios de Sion", livro apócrifo que inspirou a extrema-direita mundial nos anos 30, do qual, aliás, Barroso fez uma edição comentada em 1935. Um de seus exemplares foi vendido por Cz\$ 3.000, há dias, por Mauro Cesar Gouveia, 40, proprietário da livraria Minas Gerais, na praça D. José Gaspar (centro de São Paulo). Gumercindo

Rocha Dória, biógrafo de Salgado e especialista em integralistas, diz que "há muitos anos" procurou um dos herdeiros do escritor, em Brasília, que não quis que a obra do pai voltasse à tona.

Na AIB, a tese anti-semita não era apoiada por Santhiago Dantas, o padre Hélder Câmara (que, com uma postura radicalmente revisada, foi bispo-auxiliar do Rio e arcebispo de Olinda e Recife) e até Salgado. Francisco Martins, 61, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro e autor de recente estudo sobre os integralistas, reduz Barroso e sua influência a uma das "linhas de reflexão" do movimento.

Essa distinção, de qualquer modo, não é evidente num simples folhear de sua obra. Em "Brasil, Colônia de Banqueiros" (1937), ele diz haver um "plano dos judeus para a conquista do mundo" através do sistema financeiro internacional. Em "A Sinagoga Paulista", ataca um suposto complô judeu com o deputado Horácio Lafer, para a importação de equipamento têxtil para a Companhia Nitro Química Brasileira. Em 1935, seu "O Integralismo e o Mundo", não encontrável nem nos "sebos", argumenta ser necessário derrotar os judeus e restaurar a cristandade através "de uma revolução espiritual". Combatia indistintamente, por suas origens israelitas, do economista Roberto Simonsen ao governador paulista Armando Salles de Oliveira. Barroso, também romancista, morreu como membro da Academia Brasileira de Letras.